

29 ABR 1996

Economia em marcha lenta

Governo já considera a possibilidade de o Produto Interno Bruto crescer apenas 2% ano e de agravamento do desemprego

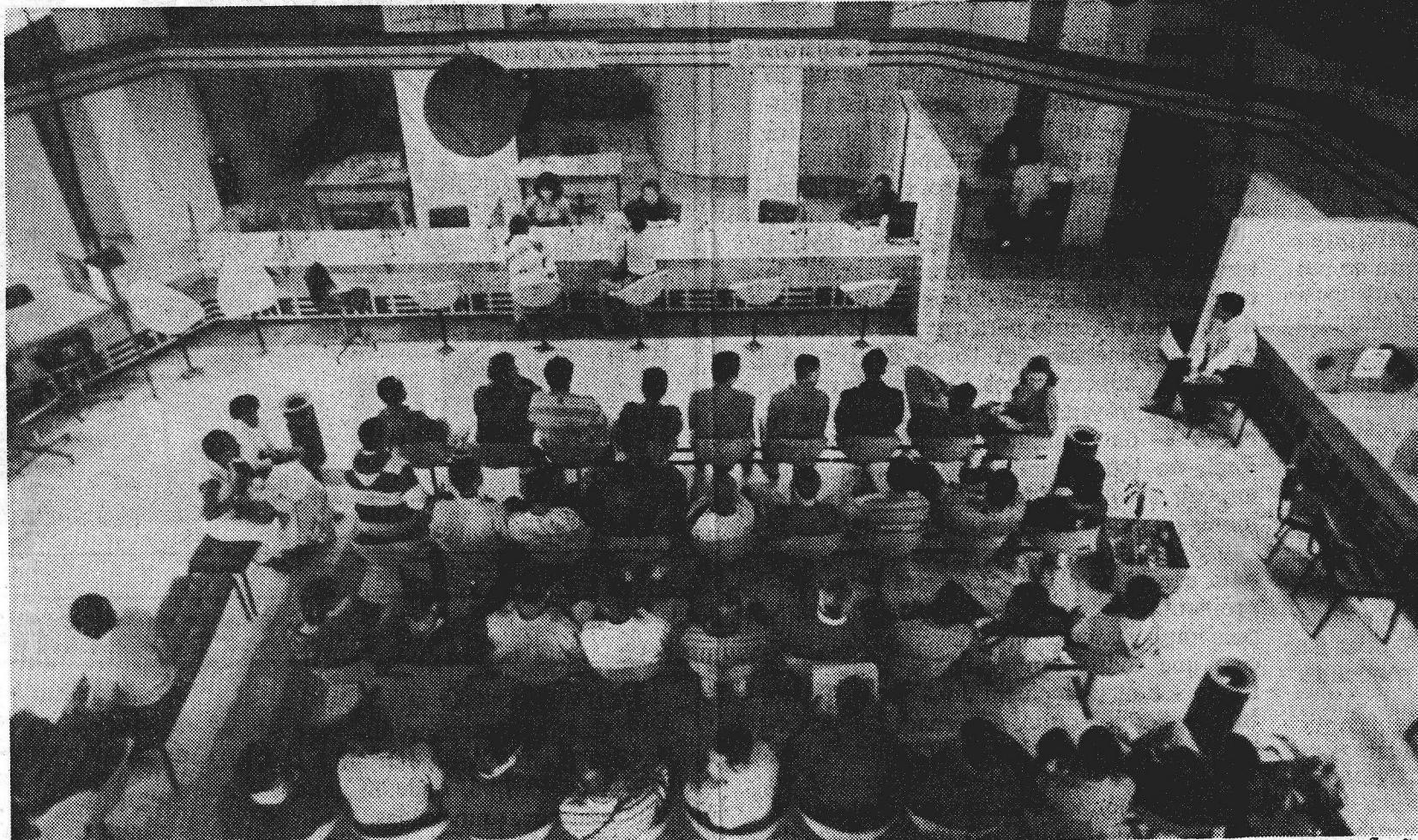
Carlos Magno

CLÁUDIA SAFATLE

BRASÍLIA — O nível de atividade econômica está fraco e o governo já considera a hipótese de crescimento de apenas 2% do Produto Interno Bruto (PIB) este ano. Essa performance agravará mês a mês a taxa de desemprego no país, já que a retração na indústria não está sendo compensada por mais demanda na área de serviços, como esperava o governo. O setor de serviços também está morno, não sendo, assim, um canal de absorção da mão de obra desempregada.

Para os economistas do Ministério da Fazenda e Banco Central, falar em retomada do crescimento agora é absolutamente inopportuno. "Estamos no miolo de um plano de estabilização e não perdemos o juízo", disse um graduado assessor. Essa mesma fonte lembra que "o período de purgação ainda não terminou, e que o ajuste no sistema financeiro estadual sequer começou". Ou seja, ainda há um longo caminho a percorrer antes de se imaginar que a estabilização está consolidada. Não é hora, portanto, de privilegiar o crescimento econômico em detrimento da inflação, que vai muito bem.

No paraíso — Na avaliação dos técnicos oficiais, apenas dois segmentos da economia estão com crescimento acentuado: os eletro-eletônicos e, em menor medida, a indústria automobilística. De janeiro a março último, houve aumento de 30% nas vendas de refrigeradores da indústria para os balcões do comércio, em comparação com o



Posto de seguro desemprego, na sede do Ministério do Trabalho, no Rio: filas crescentes com os ajustes econômicos destinados a conter a inflação

primeiro trimestre do ano passado. As vendas de TV a cores cresceram 51,5%, as de vídeo cassete, 41,4% e de CD laser, 55%.

O comportamento das vendas de automóveis também é bom, com aumento de 3,7% de janeiro a março deste ano sobre o mesmo período do ano passado. O resto da economia estaria à beira da estagnação.

Se não houver uma queda mais agressiva das taxas de juros nos próximos meses, permitindo um crescimento econômico mais robusto,

to no segundo semestre deste ano, o país vai ter que se contentar mesmo com os 2% de variação do PIB. Na melhor das hipóteses, uns 3%. O problema não é o nível da taxa básica, que caiu bastante, mas os juros cobrados pelos bancos na ponta do empréstimo. Esses não caem, e o sistema bancário, que padece de uma inadimplência da ordem de 20% dos seus créditos, só empresta para quem não precisa. É o que os economistas chamam de "empoçamento da liquidez".

Déficit comercial — Esse ce-

nário é coerente com as previsões feitas pelo economista Affonso Celso Pastore, que têm pautado as discussões no governo, sobre o setor externo. Pastore trabalha com crescimento também da ordem de 2% e, mantendo a taxa de câmbio real constante, projeta um déficit comercial, para este ano, de cerca de US\$ 2,8 bilhões.

Os técnicos ainda consideram a possibilidade de equilíbrio comercial ou até de um pequeno superávit, apostando que o volume das

importações dos três primeiros meses do ano retratou uma fase de reposição de estoques. A tendência, de agora em diante, seria de queda das importações, ao mesmo tempo que as exportações bateriam na casa dos US\$ 50,2 bilhões, com crescimento de 7,5% sobre o último ano.

Os dados de Pastore, contudo, não confirmam essa expectativa. Ele projeta exportações de US\$ 46 bilhões para importações de US\$ 48,8 bilhões, ambas com queda em relação ao ano passado.

Os exercícios de Pastore foram realizados dentro de um modelo em que ele procura estabelecer as relações existentes entre importações, câmbio real, comportamento do PIB e abertura comercial; e entre as exportações e as variáveis externas, como performance da economia internacional e preços das principais matérias-primas exportadas pelo Brasil.

Ainda que haja déficit comercial e, portanto, déficit nas transações correntes do balanço de pagamentos, os técnicos do governo estão convencidos que a qualidade dos recursos externos que financiarão esse déficit melhorou do ano passado para cá. Os investimentos diretos (na produção) devem bater nos US\$ 7 bilhões e mesmo os empréstimos em moeda estariam sendo contratados com prazos melhores.

Controvérsia — Não há dúvida de que parte do desemprego que está ocorrendo no país é estrutural, decorrente da profunda reestruturação do parque industrial, na busca de maior produtividade e competitividade externa. Há controvérsias, contudo, quanto as estatísticas de desemprego. Economistas do governo contestam os dados de crescente desemprego com informações sobre crescimento do emprego informal. Houve fechamento de postos de trabalho na indústria, sim, mas a grande maioria dos dispensados seriam funcionários no topo da carreira, que se alojaram na informalidade e estariam ganhando muito bem. Dados do IBGE indicam que os empregos sem carteira assinada tiveram crescimento de 8,1% e os ocupados por conta própria cresceram 7,1% nos vinte meses de vigência do Real (até fevereiro último).